

FUNARO ACHA NORMAL

Ele diz que a atitude dos bancos é rotina.

O ministro Dílson Funaro, da Fazenda, considerou "absolutamente normal" a decisão dos sete bancos americanos que colocaram os empréstimos ao Brasil em "regime de caixa", isto é, lançaram como prejuízo os juros da dívida que ainda não foram efetivamente recebidos. "É rotina. Eles têm que fazer isso. É da técnica contábil", disse o ministro.

Funaro também nada viu de "anormal" no rebaixamento do Brasil para a categoria **sub-standard** (abaixo do padrão) entre os países devedores, decidido esta semana pelo Federal Reserve, o Banco Central americano. O ministro disse que o fato de essas decisões terem sido tomadas antes de completados três meses da suspensão do pagamento dos juros demonstra que os credores esperam uma negociação demorada com o Brasil. "Eles sabem que é um processo demorado que não se resolve em uma semana", afirmou Funaro. Três meses são o prazo legal máximo

para que os bancos americanos contabilizem como perda créditos não recebidos.

Ao elogiar a proposta do Banco de Montreal, de transformar em investimento no Brasil parte de nossa dívida, Funaro elogiou a sugestão feita ontem pelo **chairman** do banco, William Mulholland, através de seu representante no Brasil: "Ele deu um passo à frente. É mais um caminho a ser procurado".

Problemas comuns

À saída do Palácio da Alvorada, onde se reuniu com o presidente José Sarney por mais de uma hora, o ministro da Fazenda disse não esperar resolver esta semana a questão da dívida brasileira, ressaltando que sua viagem aos Estados Unidos tem como objetivo principal participar da reunião do Comitê Interino do Fundo Monetário Internacional (FMI). Ali serão tratados principalmente os problemas comuns vividos pelas nações em desenvolvimento, e Funaro deve chamar a atenção para que se

solucione de comum acordo problemas da dívida externa do Terceiro Mundo.

Para o ministro, o problema da dívida externa dos países em desenvolvimento não diz respeito somente aos devedores, mas a todos os lados e, principalmente, aos governos dos países desenvolvidos. Lembra Funaro que nos documentos internos do FMI já surgiram teses defendendo o engajamento de credores e devedores e dos países desenvolvidos na busca de uma solução para a crise financeira gerada a partir do problema do endividamento externo.

Funaro disse que o fórum apropriado para se discutir formalmente a negociação da dívida externa brasileira não é o FMI, mas o comitê de assessoramento dos bancos privados estrangeiros. É a este comitê que o governo vai encaminhar formalmente suas posições em busca de uma renegociação da dívida externa do País, disse o ministro da Fazenda.

